

ALEGAÇÕES DE JOÃO ILHARCO

AUTOR DE «FÁTIMA DESMASCARADA»

Sob a rubrica «Sintomas» e o subtítulo «Fátima Desmascarada», o «Correio de Coimbra» ofende-me grosseiramente, acusando-me de incivildade, de ser injurioso e de ser desprovido de pudor. Causa desta maneira de proceder? Ser eu o autor de um livro intitulado «Fátima Desmascarada», recentemente publicado.

«Ao abrigo do direito que o lei me confere, em defesa do meu bom nome e para esclarecimento dos leitores do «Jornal Semanário», deixo que esta resposta seja publicada no «Correio de Coimbra».

Farei, por partes, as minhas alegações.

1.ª

Segundo o colunista do jornal afirma, fui injurioso porque asseverei que «o fenómeno de Fátima foi cena de cordelinhos montada pela técnica de alguns padres».

Tal asserção, conforme os termos em que se lê no «Correio de Coimbra», não se encontra no meu livro. O que a minha obra pretende demonstrar, com seriedade e objectividade, é que através da análise crítica das chamadas provas das aparições, é lógico concluir que tais aparições não podem ser consideradas realidades históricas, visto que foram, simplesmente, obra humana.

Em «Fátima Desmascarada» são esplanadas as razões que conduzem a essa conclusão. Injurioso é o emprego deste adjetivo para qualificar o esforço honesto de quem pretende reconstruir a verdade, pondo a claro as circunstâncias que evidenciam essa verdade.

2.ª

Diz o colunista do semanário coimbrão que procedi com incivildade por descarregar sobre Lúcia, «pessoa viva e com direito ao seu bom nome, toda a série de adjectivos que a resumem a mentirosa e doente».

Toda a série de adjectivos é uma expressão da responsabilidade do colunista que, no seu acentuado exagero, deturpa a verdade. O que o meu livro pretende é deixar provado, sem sombra de dúvidas, que Lúcia, por diversas vezes, relatou os mesmos factos por meio de versões contraditórias. Tal prova está largamente documentada na minha obra.

Bis dois exemplos em «Fátima Desmascarada»:

1 — Lúcia declarou para o P. Ferreira de Lacerda que, em 1916, tinha sido objecto dum aparição numa terra chamada as Estrumeiras, facto que negou para o Cônego Nunes Formigão.

2 — Cerca de vinte anos depois de 1916, o escritor cántico Antão de Figueiredo

dirigiu a Lúcia esta pergunta:

— «Mas não responderia, ainda que compelida, se a interrogarem acerca de certo Segredo Divino?...»

Ouçamos Antero de Figueiredo no seu livro Fátima:

«Pronta e serena, Lúcia respondeu com segurança:

— «Ninguém na terra tem poder para me mandar falar sobre tal assunto».

Pois a mesma Lúcia, quando em 1946 a entrevistou o jesuíta P. H. Jongen, afirmou-lhe que já em 1927 havia revelado o segredo ao Bispo de Leiria e a outras entidades eclesiásticas.

Poderá honestamente rotular-se de incivil e injurioso aquele que denuncia contradições flagrantes? De duas afirmações contraditórias acerca do mesmo facto, uma delas, pelo menos, não pode deixar de ser mentirosa.

Como a lógica é uma batata, ou é uso dizer-se.

Afirma o articulista do «Correio de Coimbra» que eu me dispus a receber 700 con-

5.ª

Pretendendo inferiorizar-me, diz o colunista que entrei de chancas.

Pobre de mim! Humilde, como sou, considero-me feliz por não ter aparecido de pé descalço. Em contrapartida, o meu censor arremeteu contra mim produzindo um estrépito temeroso e fazendo chispas lume em todas as pedras em que tropeçou.

Não se poderá falar na qualidade do calçado a linguagem de que se serviu?

A resposta fica à consideração das pessoas entendidas.

JOÃO ILHARCO

1.ª ALEGAÇÃO

COMENTÁRIOS AS ALEGAÇÕES DO SR. JOÃO ILHARCO, autor de «Fátima Desmascarada»

Quando saiu o «Sintoma» «Fátima Desmascarada», não faltou quem o classificasse de esbanjamento inútil, porque preferível seria o silêncio. Discordei e discordo, porque na maior parte das vezes, o silêncio traduz falta de coragem. E a cobardia

a verdade histórica documentada com provas, como garante em subtítulo; dá-me, isso sim, a infeliz prova de quanto é capaz o sectarismo anticlerical que eu julgava superado pelo novo espírito crítico da cultura objectiva. Afinal, todas as proceções deixam cauda, mesmo a decrépita proceção dos panfletários do jacobinismo republicano. Esta terá de ser a conclusão de todo e qualquer leitor habituado à seriedade e à objectividade.

Segundo a ordem das alegações de João Ilharco, vou provar que não inventei feitos mas somente me limitei a verificá-los.

O seu livro é um espelho de cristal onde eles se reflectem com toda a nitidez. Serei «grosseiro» por ter que os registar?

É verdade que me pertence a frase «o fenómeno de Fátima foi cena de cordelinhos montada pela técnica de alguns padres». Mas ela traduz e resume fielmente o pensamento do autor de «Fátima Desmascarada». Sirvam os leitores de juizes, após a leitura das transcrições que lhes faculto:

— «No dia da primeira aparição o papel da Virgem

gentes e ousados, que tinham contra o regime republicano, implantado em 1910, grandes ressentimentos» (Prêambulo).

— «Alguns padres, entre os quais o Vigário Faustino José Jacinto Ferreira e o prior de Fátima, conversaram demoradamente a esse respeito — e desses conciliabulos nasceu Fátima. É de crer que o futuro bispo de Leiria tenha tido conhecimento do que se projectava, se é que não tomou parte activa nos preparativos para a eclosão do sobrenatural.» (pág. 35).

— «No dia das outras quatro (aparições), Lúcia nada presenciou nem ouviu, e limitou-se a repetir, sob a ameaça de castigos divinos terríveis, aquilo que os autores do sobrenatural de Fátima lhe ensinaram para ela dizer.» (pág. 197).

Façamos uma pausa: o autor continua na ousadia de afirmar, sem as mínimas justificações impostas pela arte e pela crítica histórica. Julga que faz obra séria aventando o que lhe parece mais de acordo com a ideia fixa dos eclesiásticos «empresários» embusteiros. Nem repara que se os «autores» eram «inteligentes» não poderiam pincer-lhes os diálogos cheios de primitivismo infantil e aldeão de Lúcia com a Senhora...

Nem distingue que vai uma distância abissal entre conversar e planear. Que os dois priores vizinhos conversassem, é natural; que essas conversas planeassem o nascimento de Fátima, é necessário prová-lo — e João Ilharco nada prova.

Nem receia adicionar ao projecto o então Dr. José Correia da Silva, a leccionar no Seminário do Porto, só porque um dia seria nomeado bispo de Leiria... Isto é fantástico. Provas, nenhuma.

Mas o delírio visionário não pára: até um soneto à Virgem publicado num diário do Porto se tornou suspeito. Vejam se exorbito:

«Ora este diário (A Liberdade que se publicava no Porto), em 13 de Maio de 1917, inseria na primeira página um soneto que principiava assim:

Salvé! Rainha! Mãe de graça pura!
Que és tudo lá no Céu, junto de Deus.
Volve para nós a divinal canção dura
De Luz do teu alhar, dos olhos teus.

Em 13 de Maio realizou-se a primeira aparição na Cova da Iria. Há boas razões para crer que o soneto não foi dado à estampa nesse dia por mera coincidência.» (pág. 70)

«Há boas razões para crer...» Quais? Externas, positivas, concludentes — nem uma se indigita. João Ilharco, pessoalmente, por predisposição muito própria, cre. E os leitores dever-lhe-ão tanta confiança que

(Continua na pág. 8)

em resposta a um «SINTOMA» que o criticou

tos pela não publicação do meu livro, para ser evitado o escândalo que o seu aparecimento provocaria. Acho indispensável que sejam esclarecidos dois pontos:

— Quem é que temia o escândalo?

— Quem me ofereceu os 700 contos que eu me dispunha a receber?

Em 1968 estive em contacto com cinco grandes editoriais estrangeiras para tentar uma publicação de «Fátima Desmascarada» além fronteiras.

Duas delas mostraram-se bastante interessadas nesse negócio, mas exigiam o livro impresso, condição que não pude satisfazer nessa época.

Com essas duas empresas cheguei a discutir as modalidades que seriam possíveis para se realizar o negócio, e, pela venda da propriedade do livro nunca pedi menos de 2.000 contos.

Será despudor ou acto ilícito o facto dum autor vender um livro seu?

4.ª

Que dizer da urbanidade daquele que, gratuitamente e só pelo desejo de ofender, me chama incivil, injurioso e despurado?

Então Lúcia, a quem com verdade acusei de recorrer à mentira, tem direito ao seu bom nome, e eu não o tenho?

E se o colunista, que veio para o «Correio de Coimbra», de ânimo leve, escreveu distates, tivesse deixado no saco a viola que tão desajudadamente tangeu?

nunca fará boa companhia à verdade, seja ela humana ou divina. Se o autor do livro vive em Coimbra, se o livro foi editado em Coimbra, se pessoas de Coimbra pediam esclarecimentos — seria uma vergonha que o semanário diocesano não emitisse uma síntese dos seus juízos de valor sobre «Fátima Desmascarada». E apesar de o tema não ser do meu maior agrado, não resisti à exigência íntima de denunciar quatro pontos: 1 — Ao autor falta a indispensável preparação psicológica, científica e teológica para abordar seriamente o problema e as suas implicações; 2 — É injurioso quando afirma que o fenómeno — Fátima foi cena de cordelinhos montada pela técnica de alguns padres; 3 — Chega à maior incivildade quando descarrega sobre Lúcia, pessoa viva com direito ao seu bom nome, toda a série de adjectivos que a resumem a mentirosa e doente; 4 — Atinge o cúmulo do despurdo quando, para evitar o escândalo que o seu livro provocaria, se dispôs a receber 700 contos em troca da sua não publicação!...

O sr. João Ilharco, que só conheço através de dois livros, um contra a poesia moderna e outro contra Fátima, queixa-se de que o sintoma o ofendeu grosseiramente. Por minha parte declaro que evitei preconceitos de qualquer espécie, pessoais ou apologeticos; mas, feita a leitura do seu livro, não posso pensar ou escrever doutra maneira. É que ele não me dá

foi representado por uma imagem colocada entre os ramos dum carrasqueira — pequena azinheira —, junto da qual se escondeu o indivíduo que falou para os pequenos pastores, por forma a convencê-los de que era a Senhora que lhes dirigia a palavra. Esse indivíduo disse para as três crianças: Eu voltarei aqui mais cinco vezes, mas vós não me tornareis a ver. Tudo o que vos quiser dizer ser-vos-á transmitido pelo sr. P. Faustino. Isto que estais a ouvir constitui um segredo, que a ninguém pode ser revelado. Se o dissesseis a alguém, ou se deixásseis de obedecer em tudo ao sr. P. Faustino, viria imediatamente o diabo para vos levar vivos para as chamas do inferno» (pág. 238).

João Ilharco não cita testemunhos, não se baseia em documentos, orais ou escritos. Nada prova. Basta-lhe a fantasia, pela qual nos garante a teatral da estatuetta em cima da carrasqueira, a voz de falsete a imitar tonalidade feminina, a entrega das pobres crianças aos planos do todo poderoso P. Faustino!

Eis a verdade histórica de que João Ilharco se faz arauto. Verdade, não; trapaça. Entretanto, o P. Faustino e outros sacerdotes, segundo o rigor histórico do autor, é que são os embusteiros...

Para que não restem dúvidas, mais algumas transcrições:

— «O sobrenatural de Fátima foi obra de um pequeno grupo de eclesiásticos, inteli-

(Continuado da pág. 7)

também devam acreditar? Por estas simples amostras, não devem acreditar. Nem os factos históricos são para acreditar. Só existem com provas.

Na questão de Fátima distinguem-se dois períodos: o dos inquéritos à volta de 1917, e o dos relatos da Lúcia aparecidos no livro «Jacinta» de Galamba de Oliveira, depois de 1938. A tal cena dos cordelinhos persiste. Só dois trechos, para confirmação:

«Nem uma só palavra da história que é contada em «Jacinta» é da autoria de Lúcia. A ela apresentaram-lhe a novela já escrita e impuseram-lhe que a aprendesse e perfilhasse — coisa que lhe deveria ser muito grata.» (pág. 197).

A um homem com gosto pelas coisas literárias como é João Ilharco, temos o direito de exigir uma análise mais serena do problema da autoria, quer quanto ao conteúdo conceptual quer quanto à sua expressão estilística. Se uma criança vai transmitir um recado meu, o modo infantil da transmissão será da criança, embora o responsável (o autor) do recado seja eu. Para os crentes o autor da Bíblia é Deus, porque d'Ele a substância do pensamento a revelar, embora a forma literária se atribua com toda a verdade a este ou àquele homem. Repugnará que o depoimento de Lúcia seja retocado literariamente? Que o estilo não seja o dela? Desde que tenha havido fidelidade ao seu pensamento, ela é e será a autora, sobretudo porque não é o caso de obra essencialmente artística. Aceitar esta hipótese, não é, porém, o mesmo que falar de *novela imposta*... nem tão pouco exercer influências a partir da vaidade que prescinde da verdade. São distinções estas indispensáveis a quem tem o propósito de não malnsinar, porque só quer ser verdadeiro e justo.

Concluindo: Quem atribui a alguém, sem fundamento real, planos de mentira, entra na injúria. Terei algum leitor a quem restem dúvidas sobre a grave e injuriosa imputação de culpabilidade lançada por João Ilharco sobre alguns eclesiásticos de Leiria e Porto, como «empresários» de Fátima? Logo é verdadeira a minha frase da «cena dos cordelinhos montada pela técnica de alguns padres». Estes é que foram ofendidos grosseiramente.

2.ª ALEGAÇÃO

A personalidade da Lúcia descrita por João Ilharco mais não é que a de uma doente e uma mentirosa. Assim escrevi e agora confirmo, recorrendo a passagens do livro em questão. — «Lúcia tanto quanto a sua condição de serrana espúrida e ignorante lho permitia, lá foi desempenhando o seu papel, mas, uma vez por outra, para não fugir à regra de que quem conta um

«FÁTIMA DESMASCARADA»

conto sempre lhe acrescenta um ponto, ia, por sua conta e risco, acrescentando esse ponto.» (pág. 198).

Não fujo à tentação de uma referência aos outros videntes, Jacinta e Francisco. A mesma rasoira afiada como espada contra velhos mouros:

«Jacinta quando morreu, não tinha ainda dez anos. Bichinho do mato sem discernimento, é hoje proclamada doutora da Igreja!» (pág. 207).

Francisco — «aquele que em vida foi um inconsciente e notório atrasado mental.» (pág. 214).

«O infortunado Francisco, serrano grosseiro, analfabeto, tardo de entendimento e pobre de todos os dons pessoais...» (pág. 215).

«Lúcia aliava à sua inconsciência uma tara de mitómana» (Preâmbulo).

Basta olhar para a sua fotografia para se lhe preencher «a ficha sem medo de errar: tipo grosseiro, esperança mediocre, dureza, obstinação.»

«Criança inculca e pouco inteligente.» (pág. 39).

«Lúcia é o tipo perfeito da criatura egocêntrica.» (pág. 42).

Toda ela estampada na sua fisionomia:

- Testa miúda; inteligência mediocre;
- nariz arrebicado; mau génio;
- narinas estreitas; deficiência do aparelho respiratório;
- mento comprido, boca larga, lábios grossos e mãos sapudas; animalidade dos instintos;
- lábios e gengivas descobertas e dentes irregulares: estado geral de saúde pouco satisfatório.» (pág. 50)

«Em Lúcia descobrem-se todos os sintomas característicos da histeria mitomaniaca: vaidade, sugestibilidade; tendência constitucional para a alteração da verdade; simulação; ausência de lágrimas; mutismo; ideias de perseguição; tendência para a imitação.» (pág. 54).

«Lúcia sabe usar o embustete nas ocasiões oportunas». Todo o capítulo V vem encimado por este título: «Lúcia é uma histeria mitomaniaca».

E chega de material que demonstre que a minha frase é verdadeira. Ninguém, perante o estendal de adjetivos e de substantivos adjetiváveis que o autor lança sobre Lúcia, recusará por exagerada a minha acusação: *chega à maior incivildade quando descarrega sobre Lúcia, pessoa viva com direito ao seu bom nome, toda a série de adjetivos que a resumem a mentirosa e doente.*

Para concluir, só uma pergunta: se este comboio de mercadorias humilhante fosse despejado sobre uma neta

ou uma pessoa que nunca lhe tivesse feito mal, a sensibilidade e o espírito de justiça do sr. João Ilharco permaneceriam quédos e mudos? Porventura será ele um perito em matérias psicológicas, psiquiátricas ou neurológicas, chamado a fazer, com ciência e consciência, o seu depoimento sobre Lúcia? Parece-me que, à luz das leis, é demasiado perigoso, alguém invadir tão ousadamente os terrenos privados dos direitos civicos de cada um.

Por isso disse: *chega à maior incivildade*. Talvez João Ilharco se escude nas grades da clausura onde a carmelita Lúcia vive em paz. Mas é que nem ai a pouza: «Ela é hoje freira carmelita. Portanto a ela se aplica também o aviso do visitador apostólico de 1578: "Não percais o vosso tempo com mulheres, e muito especialmente com as carmelitas!"» E remata, em tom de cautela com o cão: «As carmelitas dependem da Companhia de Jesus.» Claro que não dependem hoje, nem nunca dependeram. Esta afirmação, como tantas outras do seu livro, abre-nos a janela sobre «as suas verdades objectivas».

Por isso algumas verdades diferentes, ou aspectos diferentes da verdade que o tempo, o espaço e o ângulo de vista poderão explicar, são logo apoderados como *versões contraditórias*. Um pouquinho de mais estudo da Lógica formal de Aristóteles (ou então um pouco menos de *má vontade*) talvez evitasse muitas falsas ilacções. E como não sou perito, apesar de lido, em história de Fátima, limito-me a distinguir que uma coisa é Lúcia não admitir que alguém possa compeli-la a revelar o segredo, e outra muito diferente, por ânsia da sua consciência, confiá-lo a quem julgar que lho merece. Haverá assim «contradições flagrantes?»

As duas afirmações serão na verdade contraditórias ou, segundo ensina a Lógica, simplesmente contrárias? A minha interpretação do caso do segredo mostra que contraditórias não são. O rigor não fica mal aos literatos, mesmo quando polemistas ou panfletários: evita escorregadelas.

3.ª ALEGAÇÃO

Eis-me no ponto mais conflagrado para um contestável da *verdade histórica de Fátima*. João Ilharco gastou anos a estudar «a verdade histórica acerca de Fátima». Como resultado deste trabalho, anuncia na capa do seu livro que *desmascarou Fátima*. Porém, o contestável teve um momento de fraqueza: propôs ao «Estado Maior» de Fátima (a expressão pertence-lhe), uma negociação: se lhe dessem 700 contos ele renunciaria à publica-

ção de «Fátima Desmascarada». Para isso, contactou primeiro com um sacerdote de Coimbra, e cartou-se depois com Leiria.

Testemunhas idóneas e documentos escritos ficaram a assinalar esta quebra de ânimo do autor de «Fátima Desmascarada». Ainda bem que as Autoridades Eclesiásticas de Leiria se recusaram a discutir a alinea respeitante ao

negócio: nem temeram o escândalo, nem deram resposta ao pedido dos 700 contos!

A tal pedido — a venda de ocultação de uma verdade longamente procurada — chamei e chamo despuador, melhor, cúmulo do despuador para um trabalhador intelectual. Como não concluir que estamos diante dum pobre chantagista de provincia?

E por aqui me fico, com desgosto de alma. As duas restantes alegações já nada me dizem: pouco me interessam as violas e as ferraduras. URBANO DUARTE

PRECISA-SE

TÉCNICO AGRICOLA

Para trabalhos na Beira Alta em Pomares — Avicultura — Agro pecuária — Lagares de azeite — Vinhos e Oliveiras.

Referência, ordenado, etc., à administração deste jornal.

TEATRO DE GIL VICENTE TELEF. 29474

O Menino Selvagem

A PARTIR DE 3.ª FEIRA, 16 DE NOVEMBRO As 21,30 Horas

GRANDE PRÉMIO EM VALLADOLID MELHOR FILME ESTRANGEIRO NA AMÉRICA

Obra Prima de FRANÇOIS TRUFFAUT

INTÉRPRETES

JEAN-PIERRE CARGOL — JEAN DASTÉ FRANÇOIS TRUFFAUT — FRANÇOISE SEIGNER

FICHA TÉCNICA

Realização — FRANÇOIS TRUFFAUT *Argumento — FRANÇOIS TRUFFAUT e JEAN GRUAULT

Fotografia — NESTOR ALMENDROS

*Extraído do livro de JEAN ILARD

«Memoire et Rapport sur Victor de L'Aveyron»

GRUPO B — MAIORES DE 10 ANOS

«SABADO A TARDE» (15.30)

«DOMINGO AS 11» (11 da manhã)

MENINOS E MENINAS - eis o vosso grande espectáculo!

FILMES CASTELO LOPES apresenta um filme MGM

DÊ a mão aos seus papás e leve-os ao cinema!

SUPER-FESTIVAL

TOM & JERRY

Um grande acontecimento para a família!

Em METROCOLOR

ALLIANCE FRANÇAISE

Curso de literatura contemporânea e de comentário de textos destinado principalmente a alunos universitários.

A começar a 15 de Novembro, às terças e quintas das 16,30 às 17,30.

Curso de Conversação destinado aos alunos adultos possuindo os diplomas da Alliance Française ou correspondentes, e desejando continuar a praticar o francês.

Este curso será dirigido pelo Sr. Roger Meilhaç, director da Alliance Française e funcionará às quintas das 16,30 às 18 h.